

## **Apresentação dossiê temático**

### **Prisões e confinamentos: escritas do cárcere**

Sabrina Sedlmayer<sup>1</sup>  
Alexandre Amaro<sup>2</sup>

O número 38 da Revista Veredas apresenta estudos que se dedicam às reflexões acerca das condições de produção literária em ambientes cuja liberdade de deslocamento humano foram interditas. Essa edição investiga a escrita como um dispositivo capaz de não somente testemunhar, denunciar, informar a violência e a perda de direitos humanos, mas também de oferecer-se como instrumento da criação literária. Uma questão que se coloca é saber como a língua portuguesa, em condições hostis de encarceramento, se moveu dentro de si mesma, trabalhando os limites da linguagem.

A ficção e o memorialismo em espaços de reclusão encenam medos, angústias e desejos, e operam, no plano simbólico, mecanismos de dinamização desses afetos. Refletir sobre a prática da escrita nesses ambientes é um modo de compreender o papel do imaginário como ferramenta de sublimação das limitações inerentes à privação da liberdade. Mais do que substitutas da realidade, a fabulação e a memória tornam-se um ponto de apoio para a resistência à condição aprisionada dos indivíduos. A escrita no cárcere “pode propor uma situação de intersubjetividade benéfica em torno de objetos culturais, capaz de criar uma margem de manobra” (PETIT, 2010, p. 86). Se isso ocorrer, essa pequena margem construída pode abrir uma janela de possibilidades, para além das limitações e exigências do ambiente carcerário.

Narrativas, poemas, diários e crônicas estabelecem pontes com a vivência de outros personagens em outros tempos e espaços. Esse estímulo ao imaginário permite vislumbrar algo fora do ciclo de ações determinadas pela disciplina penitenciária: horários rígidos, gestos vigiados, automatismo, objetificação. Este número da revista Veredas se propôs a refletir sobre as figurações do “laboratório do escritor” prisioneiro e confinado, desde os tempos de lutas anticoloniais, como também no contemporâneo, período que reconhecemos cenários de autocracia e fascismo em diversas nações cujos

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura e professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Brasil. Orcid: 0000-0002-6606-116X. E-mail: sabrinasp@ufmg.br

<sup>2</sup> Doutor em Estudos da Linguagem e Professor de Português e Literatura do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Brasil. Orcid: 0000-0002-5842-0863. E-mail: alexandreamarocastro@gmail.com

métodos coloniais persistem. Há um acento político nesta edição, uma vez que se propõe abrir uma larga perspectiva, de temporalidades e espacialidades diversas, com o intuito de reunir estudos com visadas, proposições e elaborações conceituais sobre o papel da “pena” (recuperando, aqui, a dupla significação do termo em Camões), um dossiê das escritas daqueles que lutaram pela sobrevivência de si mesmo, da democracia e do papel social da literatura.

Sobre o tema do encarceramento, esta edição traz 7 artigos que abordam tópicos como a memória, a resistência, a política, o fazer literário, o testemunho, o estudo do discurso, o cárcere como metáfora e a prática culinária no contexto da prisão. O trabalho **“Se não escrevo não luto pela m[inha] libertação”**: *ethos e poiesis nos Papéis da Prisão*, de Luandino Vieira, Jacqueline Kaczorowski, doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, analisa esta obra que reúne material produzido ao longo de 12 anos de reclusão e permite ao leitor não só o contato com a escrita como artifício de resistência ao cárcere – uma vez que eram necessárias estratégias que afrontavam o contexto para a produção, preservação e circulação dos *Papéis* – mas também com a busca pelo desenvolvimento de uma estética que atendesse à necessidade expressiva da complexidade que o escritor tencionava figurar.

A obra de Luandino Vieira também é objeto da análise de Lisa Vasconcellos, doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, que em **A escrita e o arquivo: apresentando Papéis da prisão, de Luandino Vieira** busca investigar como o autor constrói na literatura um lugar de resistência e mudança, que proporciona uma virada no espaço mesmo do cárcere, no qual ele entra como pária português, mas emerge como escritor e político angolano.

*Em Carta a Filêmon: a teologia da prisão*, trabalho de Creone Coutinho, doutorando em Língua Portuguesa pela Universidade Pontifícia Católica de São Paulo. Neste artigo, aborda-se como tema o estudo do discurso constituinte teológico *Carta a Filêmon*, escrito por Paulo, durante o período em que esteve na prisão. Para o tratamento desse tema, o autor mobilizou o aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa (AD), com base na perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Dominique Maingueneau, em particular, a noção de discursos constituintes.

Leocádia Aparecida Chaves, doutora em Literatura e Práticas Sociais na Universidade de Brasília e Linda Maria de Jesus Bertolino, doutora em Literatura e Práticas Sociais na Universidade Estadual do Maranhão assinam o artigo **Eu**

**experimentei, eu vivi, eu estava lá: sentimentos do cárcere em *Meu corpo, minha prisão*.** Neste trabalho, discute-se a obra *Meu corpo, minha prisão*: autobiografia de um transexual, de Lorys Ádreon (1985), a partir do reconhecimento de que se trata de uma escrita de cárcere. Isso porque, embora a autora não tenha tido a experiência do encarceramento físico numa instituição prisional, desde a mais tenra idade reconhece-se prisioneira de uma compulsoriedade identitária que é reforçada pelos mecanismos de censura e perseguição do Estado brasileiro e seus dispositivos de poder, no contexto da ditadura civil-militar, o que lhe impede de viver livremente como se autorreconhece, uma mulher.

Em **A imobilidade histórica em *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos**, Luís Alfredo Paduanelli Galeni, doutorando em Romanística pela Universität Leipzig, analisa as *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, obra que funde o mundo psicológico e social, na qual o autor constrói a interpretação do Brasil como um “outro”, refletindo sobre as contradições dos anos 1930, época marcada por transformações de intuito modernizador, mas que permanecia quase imobilizado historicamente.

Já o artigo **Da perda do mundo à natalidade como categoria central do pensamento político: a trajetória de Hannah Arendt**, de Álvaro Ribeiro Regiani, doutorando da Universidade Federal de Goiás e professor da Universidade Estadual de Goiás, procura interpretar os percursos da filósofa Hannah Arendt na elaboração da categoria política de natividade, relacionando-os com sua experiência de apatridia, prisão, fuga e exílio nos Estados Unidos entre 1930-1940. Em Lisboa, após a notícia da morte do filósofo Walter Benjamin, Hannah Arendt escreve o texto *Nós, os refugiados* (1943) para descrever a situação dos “recém-chegados”. Anos depois, no livro *A condição humana* (1958), ela substancializa este conceito como natalidade, tornando-o uma categoria central em seu pensamento político.

Por fim, em **“Cadeia sem comida é dinamite com pavio aceso, doutor”:** **táticas de sobrevivência em *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella**, Sarah Uszynski, graduanda em Língua Portuguesa na Universidade Federal de Minas Gerais, analisa a obra *Estação Carandiru*, de Drauzio Varella, na busca por compreender as estratégias de sobrevivência dos detentos da Casa de Detenção de São Paulo. Perpassando questões que envolvem o conceito de “gambiarra” (o seu texto resulta da pesquisa, apoiada pelo CNPq, “Intérpretes da fome na literatura e cultura brasileiras”, sob a supervisão da Profa. Sabrina Sedlmayer), a autora discorre sobre algumas das táticas relacionadas ao campo da alimentação, como o “fogareiro”, o “recorte” e a “Maria-Louca”. A hipótese de sua escrita

é a de que há um intenso vínculo entre a gambiarra e a sobrevivência no contexto penitenciário.

Esta edição espera, assim, contribuir para os estudos sobre cárcere e escrita, ao oferecer uma teia variada de abordagens para a questão da representação e dos modos de existir no contexto da privação de liberdade.

### **Referências**

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.